



PARTILHANDO IDÉIAS Diariamente, o noticiário tem revelado as incongruências dos nossos partidos e seus representantes. Divididos, muitas vezes esfacelados internamente, os partidos parecem esquecer sua própria lógica e mais ainda, têm demonstrado ignorar sua função enquanto instrumento de sustentação e aprimoramento da democracia. Em busca de argumentos que justifiquem o voto este ano, releio algumas entrevistas e matérias que guardei. São pensamentos, referências e idéias que ajudam a refrescar a memória.

EDUARDO GIANNETTI DA FONSECA “Durante a ditadura militar, gestaram-se algumas forças de oposição no Brasil. Todas elas foram testadas numa seqüência de quatro laboratórios. Primeiro foi o PMDB. Depois Collor (esse é carta fora do baralho). Em seguida o PSDB e, por fim, a última força de oposição relevante, o PT. Essa é, portanto, a última cartada. Estamos completando um círculo. A última desilusão de mudança fácil, de voluntarismo, estava com o PT. Agora não dá mais para acreditar que mudar estruturalmente esse país depende de um ato de vontade. Acabou. O Brasil cumpriu com grande maturidade neste ciclo de testes das forças políticas germinadas no regime militar. Três forças se configuraram. Cada uma delas teve o seu mandato. Todos deixaram saldos positivos e negativos”. (Jornal do Brasil, 28 de maio de 2005)

MARCOS COIMBRA I “Partidos grandes como PMDB e PFL devem reestruturar sua atuação, visando o futuro, sob o risco de permanecerem como coadjuvantes no cenário por muito tempo. A única maneira do PMDB voltar a ter expressão nacional como partido, tanto no sentido da disputa político-eleitoral quanto no compartilhamento do poder, é se reinventar com uma cara nova para o eleitorado. Do jeito que o jogo político está se encaminhando, não só tivemos nas últimas três eleições a polarização PT - PSDB, e nessa teremos, evidentemente, mas também podemos ter na próxima e na seguinte”. (Correio Braziliense, 19 de março de 2006)

MARCOS COIMBRA II “O que teremos em 2006 é um eleitorado que tomará uma decisão fundamental: se já está na hora de tirar o Lula e voltar o PSDB. Não existe outra escolha e o eleitor escolhe dentro do que o momento político oferece. O PFL perdeu qualquer opção de nomes. A Roseana foi torpedeada em 2002. O Jaime Lerner se desfez em problemas do Paraná. O César Maia ainda não tem vôo presidencial. É apenas um prefeito de uma cidade cheia de problemas. Luis Eduardo Magalhães, morreu.

(...) Em um século, o Brasil teve apenas seis presidenciais eleitos democraticamente; Dutra, Getúlio, Juscelino, Jânio, Collor e FHC. Lula é o primeiro presidente do século XXI”. (Correio Braziliense, 19 de junho de 2005)

ROBERTO ROMANO “Escrevi um texto amplo, no qual afirmava que agremiações humanas erram. Mesmo no PT poderia existir falta de ética. O artigo suscitou interesse e foi citado por Carlito Maia para potenciar sua crítica de outros militantes. Muitos petistas afirmavam que a ética morava só no PT. Os demais partidos? ‘Farinha do mesmo saco’. Arrogância é letal em política. Publiquei vários textos advertindo contra o angelismo do partido”. (site Instituto Ciência e Fé, janeiro de 2004)

CONTARDO CALLIGARIS “O Brasil teve pouquíssimos exemplos, desde a República Velha, de um bom governo republicano. A idéia de uma coisa pública é, de fato, bastante ausente na vida cotidiana da gente aqui. A idéia da coisa pública não é forte e espontânea entre nós. (Primeira Leitura, maio de 2006)

ALAIN TOURAINE “Eu não vejo diferença entre esquerda e direita. É o pensamento único, é a dominação da economia mundial. Vivemos o desaparecimento de todas as categorias sociais, políticas e de todas as linguagens, de todos os discursos, de todas as instruções que nos serviam para dar forma à nossa esperança. Somos pessoas profundamente dessocializadas. Neste momento, nos tornamos quase tão indiferentes às lutas políticas como éramos para as lutas entre os deuses orientais no início do cristianismo. A questão é saber o que substituiu tudo isso. Há pessoas que dizem que hoje só existe um critério: o prazer, a utilidade, os interesses. Somos pessoas laicizadas, secularizadas, não nos interessamos por nada além do interesse. Mas o que me interessa é ver os valores políticos serem substituídos por outros. Jean François Lyotard diz que: ‘o tempo dos grandes discursos terminou, ou seja, o tempo do liberalismo, do capitalismo, do socialismo, do comunismo, das filosofias da história terminou’. E eu disse a ele: Você tem razão, mas o tempo dos grandes discursos pessoais está começando... A partir dos anos 1960, a vida pública foi invadida pela privada. O parlamento francês só fala de contracepções, aborto, adoção, minorias étnicas. Exatamente como em 1848, quando a economia invadiu a política, hoje a cultura invade a política. A política tornou-se um nível intermediário”. (O Melhor de Roda Viva Internacional, organização Paulo Markun, abril/2002)